

SERVIÇO NACIONAL DE CÂNCER

REVESES DA LUTA

A propósito da recente ofensiva contra o câncer, declarada pelo Presidente Jânio Quadros, em maio de 1961, achei oportuno recordar alguns fatos e reveses da campanha, anteriormente executada no País, dos quais fui testemunha e às vezes parte atuante.

Teve razão o Presidente. Na verdade, o País já se encontra aparelhado para sair da simples defesa e ingressar na ofensiva contra seu maior inimigo, que aparece no obituário, carregado de vítimas. O Brasil, graças à insistência de seus cancerologistas, dispõe de meios suficientes para o tratamento e prevenção dessa traiçoeira doença. Conta hoje com uma rede de hospitais especializados, não só no Rio de Janeiro, como na Capital de cada Estado da Federação. São órgãos equipados com aparelhagem e técnicos aperfeiçoados, cada vez mais, no manejo das armas de combate a êsse mal, tão pertinaz quando não descoberto a tempo e atacado por mão hábil e certa. Por tôda parte, o público já sabe disso, pela propaganda e educação sanitária que, desde alguns anos, vem sendo realizada no território nacional. O homem do povo já colabora no interesse próprio. Contribui

também pelo conselho e pelo recurso pecuniário quando se cuida de proteger os outros contra a doença ou de aliviar os atingidos pelo mal, de modo irremediável. De mim, sou grato à contribuição pública pelo que ela tem dado ao Asilo da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, hospital a que deram o meu nome.

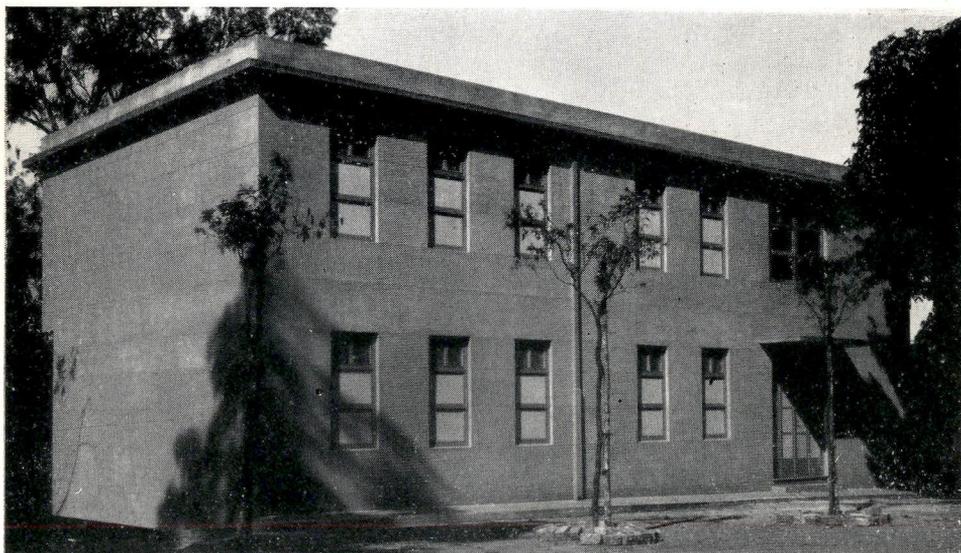
Na ofensiva, por enquanto, ao comando cabe unicamente a tática de aumentar, com mais dinheiro e mais clínicas, os meios de ação já comprovados pela prática, melhorar as técnicas de tratamento e redobrar, por tôda parte, o empenho em descobrir-se a doença precocemente, ainda em seu nascedouro, contando aí com a colaboração do médico clínico e do próprio povo.

Ao lado dessas providências atuantes, que visam tratar o recuperável, há o problema dos incuráveis, que formam, em nosso meio, multidão abandonada, carecente de acomodação no meio social.

O quartel-general do Estado Maior da Ofensiva está instalado à Praça da Cruz Vermelha, em magnífico hospital, que, diariamente, atende a centenas de doentes. Quem hoje o defronta, não imagina,



Primeiro pavilhão construído em 1931, anexo ao Hospital Estácio de Sá, e destinado à sede do Centro de Cancerologia, do qual se apoderou a Faculdade de Medicina para nele instalar a Clínica Propedêutica Cirúrgica.



Centro de Cancerologia, inaugurado pelo Presidente Vargas em 1938. Pavilhão construído ao lado do primeiro, tomado pela Faculdade de Medicina.

nem de longe, quantos foram os tropeços, no caminho percorrido, desde o tempo em que se acertaram os primeiros passos, na luta contra o câncer, 34 anos atrás.

Nessa época, comecei a interessar-me pelo problema. Quase nada havia de positivo, em nosso País, na prevenção e tratamento do câncer. Dominava a descrença em qualquer esforço dirigido contra o mal, tido como incurável, em qualquer dos seus estádios. Entre ousado e progressista, destacava-se o cirurgião que tentasse a operabilidade do câncer interno, abdominal. Do torácico, nem falar. O radium, além de raro e escasso entre nós, era imperfeito na técnica. Daí, fracassar facilmente qualquer iniciativa de pioneiro, em face às resistências passivas do meio.

A primeira tentativa para construir-se, na Capital, um centro de tratamento e estudo do câncer, faliu nas mãos de gente credenciada, não só na medicina, como na política e filantropia. A iniciativa coube à Fundação Oswaldo Cruz, com seus estatutos aprovados em 2 de maio de 1927. Na presidência, Salles Guerra, e no Conselho, os senadores Alfredo Elis e Bueno de Paiva, juntamente com Carlos Chagas, Eduardo Rabelo, João Marinho, PortoD'ave e outros.

Essa Instituição chegou a construir um esboço de hospital, começado pelo pavilhão de pesquisa, à custa da fidalga generosidade de Guilherme Guinle. Paralisadas as

obras, por muitos anos, ficaram as paredes e as colunas expostas ao abandono e à corrosão do tempo, atestando aos olhos entristecidos dos transeuntes da rua Ana Neri, ali em Triagem, o que costuma acontecer entre nós, com iniciativas desse gênero.

No entanto, deveria ser fácil abrir veredas no terreno das obras sociais, neste País, colocado entre os sub-desenvolvidos, pelo conceito das Nações. Infelizmente, os obstáculos são de toda espécie e aparecem a cada passo. Tenho provas disso. Em 1926, ao voltar da Europa, tentei reviver os remanescentes da Fundação Oswaldo Cruz. Conseguira até receber, por escrito, a promessa de doação de parte do patrimônio, concedido pelo Prof. Raul Leitão da Cunha, então presidente do Conselho daquela entidade. Em vão. O Exército requisitou uma área que ela possuía no Cais do Porto, à Praça Santo Cristo, por exigência dos interesses da Defesa Nacional. A Prefeitura apoderou-se, também, daquele outro terreno da Triagem, com sua inacabada construção, planejando dar-lhe aproveitamento em outra finalidade. De fato, ali surgiu, muito mais tarde, o Hospital Barata Ribeiro, por iniciativa de Lutero Vargas. Resignei-me em aguardar nova oportunidade, na idéia de fundar um núcleo de combate ao câncer em todo o País.

Acabei vencendo, depois de alguns reveses.

CENTRO DE CANCEROLOGIA, PRIMEIRO NÚCLEO DE COMBATE

Baldados os esforços, no sentido de restaurar os destroços de um hospital da Fundação Oswaldo Cruz paralisado e que me havia sido prometido pelos dirigentes daquela Instituição, competia-me perseverar por outro caminho, até se alcançar o objetivo idealizado: construir um centro de cancerologia.

Confiava nas vantagens de uma nova arma de combate ao câncer, apenas descoberta. Assistira em Paris, no Hospital São Luiz, em 1926, aplicado por mãos de dermatologistas, um método novo, destinado a curar certas lesões superficiais da pele. Era a diatermo-coagulação. Ocorreu-me, logo, o alcance do processo, se fôsse usado num sentido mais amplo, numa cirurgia maior, radical, contra o câncer externo, especialmente em lesões avançadas. Nessa idéia, trouxera comigo, da França, um aparelho apropriado, o primeiro introduzido no Brasil (Hertz-Boyer).

Como assistente do Serviço do Prof. Brandão Filho, pratiquei, na Santa Casa, a primeira eletro-coagulação, executada no Brasil, em maio de 1927. Tal foi o resultado alcançado, que o mestre viu-se obrigado a proibir, no Serviço, operações desse gênero, devido à aglomeração de tanta gente interessada nesse tratamento.

Em 1929, defendi tese de Livre Docência, na Faculdade de Medi-

cina, sôbre o assunto, com casos que operei, por favor, em várias enfermarias da Santa Casa, carregando, cada vez, os aparelhos, em ombros de serventes.

O método logo se impôs e difundiu-se na cirurgia brasileira. Eis a minha primeira contribuição, em relação ao tratamento do câncer.

Mais tarde, dez anos decorridos, com os aperfeiçoamentos introduzidos por Franz Keysser, o novo método consagrou-se definitivamente na categoria de quarta arma da luta contra o câncer, ao lado do radium, dos raios X e do bisturi comum.

E' a eletro-cirurgia de hoje, o bisturi elétrico que corta sem sangue e esteriliza a linha de incisão.

Apoiado nessa conquista, resolvei, então, pleitear, junto aos Poderes Públicos, uma verba para instalar um centro de cancerologia. Devia ser um departamento anexo e dependente de alguma organização hospitalar. Pedindo pouco, talvez não me fôsse negado. O mínimo necessário para dar vida a uma unidade de trabalho. Recusa por tôda parte.

Por fim, já no Governo Getúlio Vargas, em 1931, foi-me concedida uma dotação, depois de muitos esforços pessoais. Por ordem do Ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha, a comissão encarregada da elaboração da proposta justificou-se: "Vamos incluir na cauda



Cerimônia de inauguração do Centro de Canceroologia pelo Presidente Vargas, com a presença do Ministro Capanema e do Diretor do Departamento Nacional de Saúde, Dr. Barros Barreto, em 1938.

do orçamento, uma verba de 150 contos, porque assim Mário Kroeff sossega”.

O objetivo dos funcionários não foi, pois, a criação de um serviço de utilidade social, mas apenas calar um importuno.

Vencidas as delongas burocráticas, construí, anexo ao Hospital Estácio de Sá, um pavilhão adequado. Depois de pronto, bonito, novo, despertou a cobiça de muitos.

Castro Araújo, Diretor da Assistência Hospitalar, com o prestígio de cirurgião do Chefe do Governo, arbitrariamente, usurpou os direitos da cancerologia, a quem pertencia a obra. A Faculdade de Medicina precisava de um grupo de enfermarias para localizar a Cadeira de Clínica Propedêutica Cirúrgica, recém-criada. E, ao novo titular, êle deu, de presente, meu Pavilhão, construído, a tanto custo.

Tive de recomeçar. Pedi outra verba. Esperei novo orçamento. Construí outro Pavilhão igual ou mais bonito, ali mesmo, defronte ao primeiro, seu irmão gêmeo.

Desta vez entrei na posse de obra minha. Foi inaugurado em 1938, com a presença de Getúlio Vargas e de seu Ministro, Gustavo Capanema.

Tomou o nome de Centro de Cancerologia. Fui nomeado, então, seu primeiro diretor.

A afluência de doentes, daqui e dos Estados, foi tamanha que me forneceu argumento para defender, junto aos poderes públicos, a con-

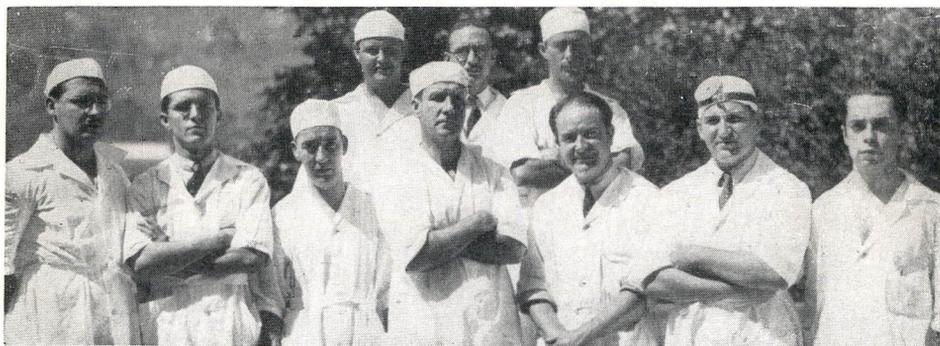
veniência de transformá-lo em Serviço Nacional de Câncer, com raio de ação a todo território brasileiro. Não foi fácil a aceitação da idéia. O Ministro da Educação e Saúde, argumentando comigo, na presença do Presidente do DASP, Luiz Simões Lopes, que defendia também a iniciativa, propôs-me uma conciliação dentro da mesma causa: “Criarei na Faculdade de Medicina a Cadeira de Cancerologia e o senhor será nomeado, interinamente, professor, fazendo ou não, mais tarde concurso”.

Respondi que de nada valeria o ensino da disciplina, sem a existência das armas de combate à doença. E, logo depois, saiu o Decreto Presidencial, criando o Serviço Nacional de Câncer, em setembro de 1941.

Estava vencida mais uma etapa na campanha contra o câncer.

Mas, parece que a doença trazia consigo a maldição de um destino difícil. Aconteceu um desastre. O Serviço, em plena efervescência profissional, já atingindo a maturidade, com uma plêiade de jovens cancerologistas em formação, sofreu golpe de morte. O Hospital Estácio de Sá passou para a Polícia Militar e o nosso Pavilhão foi despejado “manu militari”.

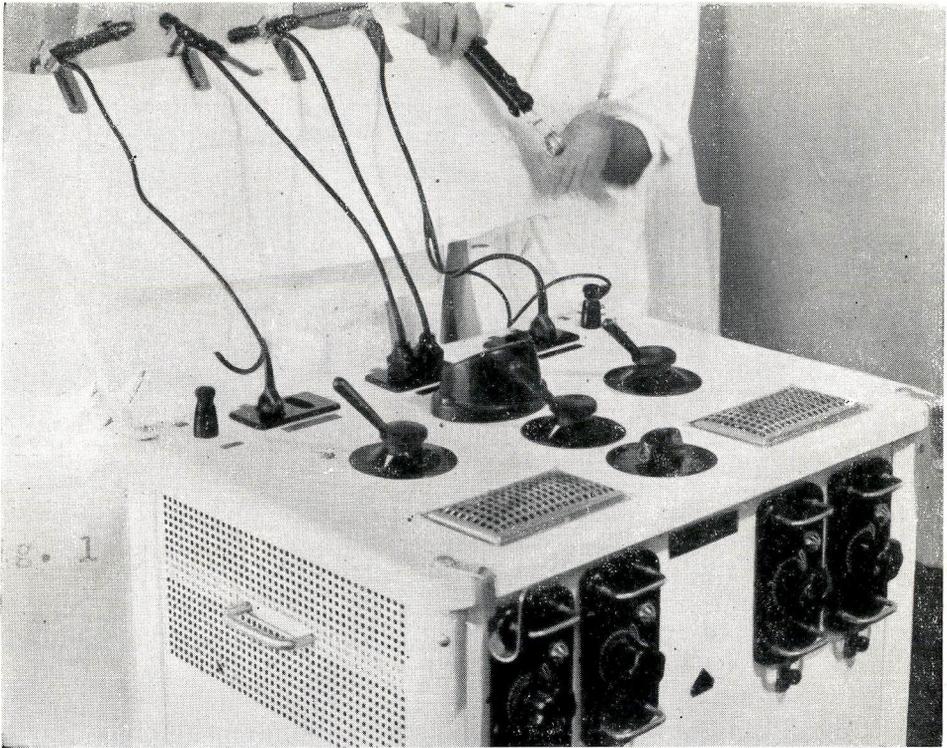
Estava eu, nessa época, nos Estados Unidos, em 1942, comprando o radium, arma terapêutica que nos faltava. Quando voltei, dolorosa decepção me esperava. O Serviço fôra transferido



Diretor do S.N.C., ao lado de seus primeiros colaboradores: (da esq. para dir.), Drs. Penido Burnier, Luiz Carlos Oliveira, Alberto Coutinho, Sergio Azevedo, George da Silva, Osolando Machado; no segundo plano: Turibio Braz, Francisco Fialho e Jorge Marsillac. Além dos presentes, faziam parte do corpo médico, Drs. João Vianna e Evaristo Machado, e os internos, Moacyr Santos Silva, Claudio Barros Barreto e Antonio Pinto Vieira, em 1939.



Dona Darcy Vargas visita o Centro de Cancerologia, em 1939.



Aparelhagem de eletro-cirurgia, usada no S. N. de Câncer. Com potencial de 20 ampéres, fornece vários tipos de corrente, desde a do bisturi elétrico até aquela das profundas coagulações.

para um velho casarão da Lapa, à rua Conde de Lage, antiga pensão de mulheres, onde tudo era precário e inadequado. Não havia outra solução. Meus companheiros concordaram em aceitar essa decisão pro-

visória, até a minha volta do estrangeiro.

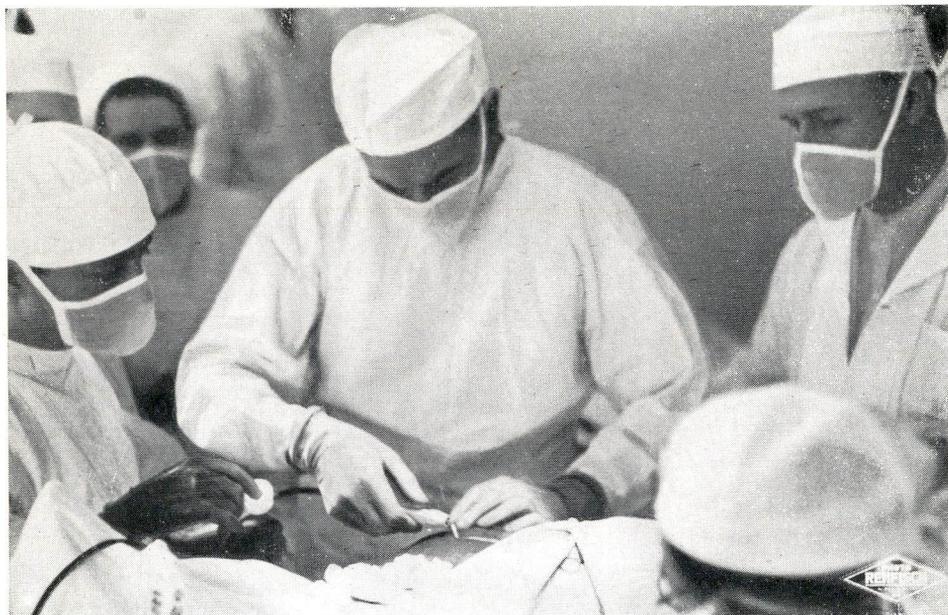
A via crucis, que daí se percorreu, foi de entristecer e desanimar qualquer que se dispusesse realizar algo neste País.

DESPEJADO O SERVIÇO NACIONAL DO CÂNCER

Aflitos, os colegas me telegrafaram anunciando que as ordens eram taxativas. Alta aos doentes melhores, remoção para Santa Casa dos piores e transferência dos apa-

relhos para o porão da Biblioteca Nacional.

D.^a Darcy Vargas, sempre madrinha das boas causas, protestara. Irei com os doentes para



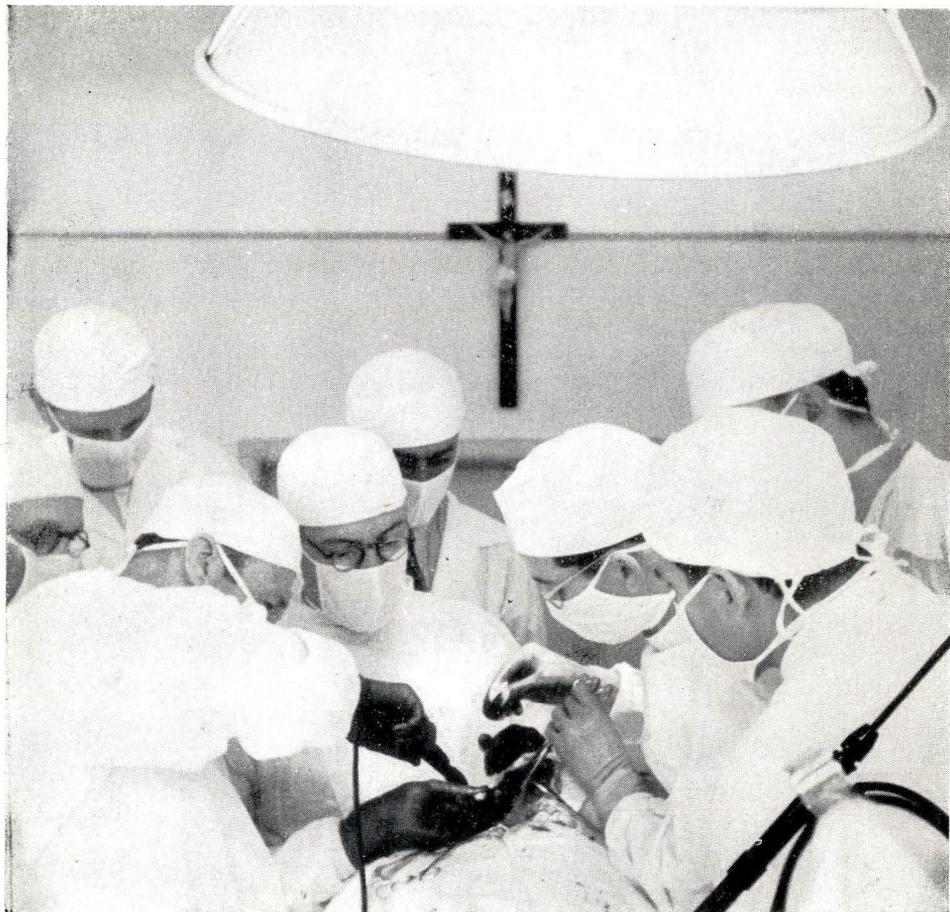
Prof. Franz Keysser, inovador da eletro-cirurgia, demonstra no Centro de Cancerologia, em 1940, as vantagens do bisturi-elétrico, que corta sem sangue.

a porta do Ministério. Infrutífera toda reação dos companheiros. Quando voltei da América, em 1943, portador de mais um recurso poderoso na cura do câncer — o radium — cruel a decepção. O Serviço fôra transferido para um casarão inadequado, na Lapa. Prédio ameaçando ruína, com paredes rachadas e o pátio já desmoronado sôbre os telhados vizinhos. Empilhada nossa aparelhagem; a cirurgia praticada em sala sem condições técnicas. Não raro, havia defeitos no elevador que acabou paralisado, definitivamente. Os doentes eram então obrigados a subir oitenta e tantos degraus de uma escadaria. Havia até serventes trei-

nados em carregar os piores, em cadeiras de vime.

O necrotério fôra adaptado num socavão da escada. De uma feita, houve ali até cenas de necrofilia. Um sargento estrangeiro, altas horas da noite, ao percorrer na Lapa a zona do meretrício, penetrou pelo Hospital a dentro, até parar naquele desprotegido compartimento mortuário, onde jazia o corpo de uma mulher, em velório. Em tempo, foi surpreendido pela enfermeira de plantão que deu o alarme.

Ao debandar, enxotado, por cima dos escombros dos prédios vizinhos, deixou cair o boné, com



Ambiente cirúrgico no antigo Centro de Cancerologia, sendo usado o método da eletro-coagulação contra o câncer, por Mário Kroeff, em 1939.

as insígnias de sua unidade naval, ocasionalmente ancorada em nosso pôrto.

Triste fim o nosso. Depois de tantos esforços malogrados, voltar à estaca zero. E que estaca! Admirável abnegação dos meus auxiliares! Uns faziam, em seus próprios laboratórios, análises para o Serviço; outros irradiavam os doentes em suas clínicas privadas. Que

têmpera a deles, porque ao chefe cumpria o dever de afundar com o barco, como fazem os comandantes, em caso de naufrágio.

O público ignora o que vai de dedicação, na maioria da classe médica, a trabalhar de graça, não só pelo esforço no aperfeiçoamento profissional, mas principalmente pela satisfação de servir à comunidade.

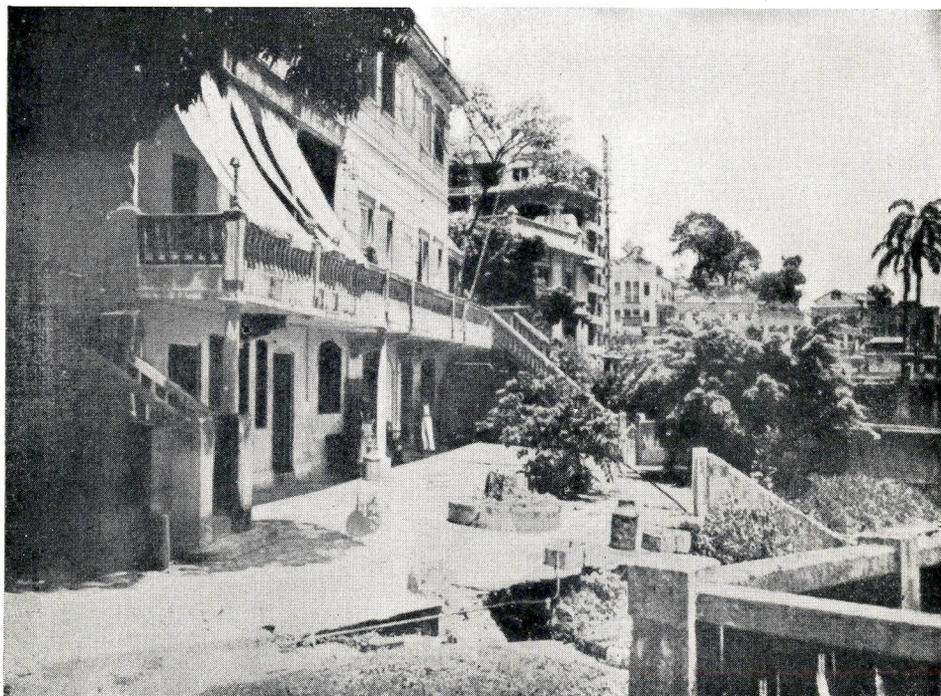


Primeiro curso de Radioterapia realizado, no Brasil, pelo Centro de Cancrologia, em 1938, ministrado pelo Dr. W. Weisswange, assistente do Prof. H. Holfelder, vendo-se o potente aparelho, estabil-volt, tipo usado na Universidade de Francfort. Na foto, a partir da esquerda: Laurindo Quaresma, Carlos Fernandes, M. Kroeff, Costa Junior, Evaristo Machado, João B. Vianna, Claudio Barros Barreto, Manoel de Abreu, Prof. Weisswange e Sergio de Azevedo. Entre outros, de pé, Nicola Caminha.

E nós resistimos, só para não dar solução de continuidade a um Serviço tão útil. Aí, aguardamos, durante dois anos, uma solução para dias melhores. E' que, sedutora promessa tinham-me feito no Palácio do Catete, em 1944. Seria a aquisição do Hospital Gaffrée.

Na presença do Presidente Vargas, um representante da Fundação Gaffrée - Guinle, Arnaldo Guinle, e eu, acertamos a compra daquele nosocômio, por onze mil contos Preço irrisório. Verdadeira doação, tendo-se em vista haver custado duas vezes mais, alguns anos atrás.

O Hospital, como não servia mais à internação de doentes venérecs, ante os modernos processos de cura, passaria ao Serviço Nacional de Câncer. Os dispensários Fundação, espalhados pela cidade, continuariam na mesma faina do tratamento ambulatorio, ainda em vigor. A família Guinle empregaria os fundos recebidos na construção de outra obra de interesse médico-social. Os médicos da Fundação protestaram, e desde o encontro presidencial permanecemos na Lapa, dois anos, amarrados a um despacho do Mi-



Casarão à rua Conde de Lage, na Lapa, que foi sede do S.N.C. por mais de dois anos, de 1943 a 1946. O pátio ameaçava desabar sobre os prédios vizinhos.

nistro da Fazenda. Veio, afinal, negativo, em outubro de 1945. Aguardar oportunidade, em linguagem burocrática, significa: deixa ficar como está.

Confesso que perdi o devido respeito de servidor público. Resolvi interpelar o Ministro, na companhia do Diretor do DASP, Luiz Simões Lopes, que defendia a transação, como de real interesse para ambas as partes. Desprezando o tratamento de excelência, falei positivo ao Ministro, com a autoridade de médico para cliente:

“O Senhor ficará responsável pela morte de todos êsses miseráveis que estão sem tratamento, perdendo a oportunidade de cura. Pagará pessoalmente por isso tudo. Na certa, êles vão lhe rogar pragas. Ao sair daqui, darei uma entrevista aos jornais, com a seguinte manchete:

“Os cancerosos vão puxar o lençol do Ministro da Fazenda”.

E S. Exa. respondeu: “Kroeff, não faça isso. Prometo voltar atrás e levar os papéis para despacho do Presidente”. De fato, levou. Infelizmente, o Presidente Vargas, dias depois, a 29 de outubro, foi deposto e a transação ficou adiada, “sine-die”.

Com o Governo Linhares, o Serviço foi transferido para uma das dependências do Hospital Gaffrée, a título de arrendamento, em maio de 1946.

Melhoramos. Aí, com maior amplitude de ação e melhores instalações, o S.N.C. entrou, de novo,

em fase de produção técnica, através do trabalho diário de seu hospital. Desligados, em parte, das preocupações de ordem administrativa, antes de verdadeira sobrevivência da própria instituição, e agora integrados no contato imediato dos doentes, chefe e assistentes, interessados na observação da doença, procuramos cada vez mais aperfeiçoar nossos meios de diagnóstico e tratamento. Foram criados laboratórios: de Anatomia Patológica, entregue a Francisco Fialho, e de Análises Clínicas a Emmanuel Rebelo. Só aí é que deixamos de viver do favor do Prof. Amadeu Fialho, porque até então era êle que fazia atenciosamente todos os nossos exames histopatológicos, e dava conselhos em patologia. Também, o Prof. Ramos e Silva emprestou sua colaboração em Dermatologia. Um blóco cirúrgico, com três salas de operações refrigeradas, foi construído, inclusive um Banco de Sangue, confiado a Gil Mireira Filho.

Cabendo a Alberto Coutinho a responsabilidade de chefe de clínica ou, melhor, diretor do Instituto de Câncer, foi o departamento de cirurgia subdividido em diversos setores, entregues um a cada assistente, segundo os pendores, já comprovados, de modo a poder o Serviço contar com verdadeiros especialistas, dentro da Cancerologia.

Essa distribuição ficou assim constituída: Cabeça e Pescoço — Jorge Marsillac; Tórax — Penido Burnier; Estômago, pâncreas e vias biliares — Alberto Coutinho; Colon



Aspecto de uma mesa-redonda, rotina introduzida no S.N.C. no final do trabalho diário do ambulatório, com presença de cada doente matriculado. Desta vez, esteve presente o grande radiólogo de Manchester, R. Paterson, em Outubro 1952.



Ambiente de uma festa de Natal, no S.N.C.

e reto — Luiz Carlos de Oliveira Junior; Genito-urinário — João Bancroft Vianna; Ginecologia — Turibio Braz; Neuro-cirurgia — Feliciano Pinto; Linfomas — Luciano Viveiros; Cirurgia reparadora — Georges da Silva. Na seção de anestesia: Arlindo Avila Duarte, Leonardo Vaz e José Pinto de Araujo. No ambulatório: Amaury Barboza e Clovis Fraga de Andrade. Na odontologia: Abner Ayres de Castro e Valter Corrêa de Souza. O assistente Amador Campos achava-se nos E. Unidos, estagiando no Memorial Hospital.

Deu-se especial destaque ao uso da eletro-cirurgia, considerada a quarta arma na luta contra o câncer, dentro das suas indicações próprias e, às vezes, insubstituíveis.

A Seção de Radioterapia foi desenvolvida por Osolando Machado e Pinto Vieira, usando-se aparelhagens de vários potenciais. Assistentes: Ebroino Fafe de Araújo, Jorge Souza Lobo e Newton Gabriel de Souza. Instalou-se uma oficina de radium para enquadrar nosso Serviço na eficiência da moderna curieterapia. Moldes especiais, adaptados a cada localização do câncer, passaram a ser confeccionados para proporcionar distribuição homogênea dos elementos e alcançar dosagem uniforme e perfeita, segundo a Escola de Manchester, onde estagiou Osolando Machado.

Também Pinto Vieira fez nos E. Unidos, curso de radioterapia e Jorge Marsillac de cirurgia.

O Radio-diagnóstico, nas mãos de Evaristo Machado e João Cabral; a pesquisa, com Sergio de Azevedo; arquivo e documentação, com Naim Merched.

Além dessas iniciativas, outras mais foram tomadas, de acôrdo com o evoluir da moderna cancelologia. Foi instalado um Ambulatório Preventivo do Câncer Ginecológico, sob orientação de Turibio Bras. Na citologia, Edesio Neves. Também um Serviço de Radioisótopos, com a nomeação de um físico em irradiações, Ester Nunes Pereira, diplomada pelo curso, dado em São Paulo, sob os auspícios da UNESCO e por outro, ministrado por J. Meredith, o grande físico de Manchester que aqui veio a convite do Serviço.

No regime de trabalho, merece menção especial a instituição da chamada "mesa-redonda", realizada cada dia, ao findar o movimento do ambulatório. Ante o nosso corpo médico, passavam, obrigatoriamente, para confirmação do diagnóstico e indicação terapêutica, os doentes novos, fichados em cada dia. Aí, sempre houve completa liberdade de opinião, sendo, às vezes, as decisões tomadas por maioria de votos. Desnecessário acentuar o que isso representava de garantia para os doentes, além das vantagens para os próprios médicos, que assim consolidavam sua experiência clínica, ficando, sempre, a par do movimento geral do hospital.

Só assim foi possível criar-se uma Escola de Cancerologia, hoje composta dessa equipe de trinta jovens técnicos que, sem favor, honram a especialidade no Brasil.

O Serviço Nacional de Câncer, já dispõe, para estudo e publicação de trabalhos científicos, de um vasto documentário, cuidadosamente acumulado. Constituiu-se fonte de aprendizagem, na formação de técnicos e especialistas que se dediquem à luta contra o câncer. Nele já vieram estagiar bolsistas dos Estados. Vários cursos de aper-

feiçoamento foram ministrados a médicos de todos os pontos do País.

Em 1953, 4.392 doentes novos foram atendidos em seu ambulatório, atingindo a 28.448 doentes, a cifra total dos matriculados até o fim de 1953. Deixei o Serviço em Janeiro de 1954.

Apezar de relativamente bem instalados numa dependência do Hospital Gaffrée-Guinle, mesmo assim não deixei de perseverar na idéia de construir um grande Instituto-Hospital, na altura da verdadeira ofensiva na luta contra o câncer, entre nós.

INSTITUTO-HOSPITAL DO SERVIÇO NACIONAL DO CÂNCER

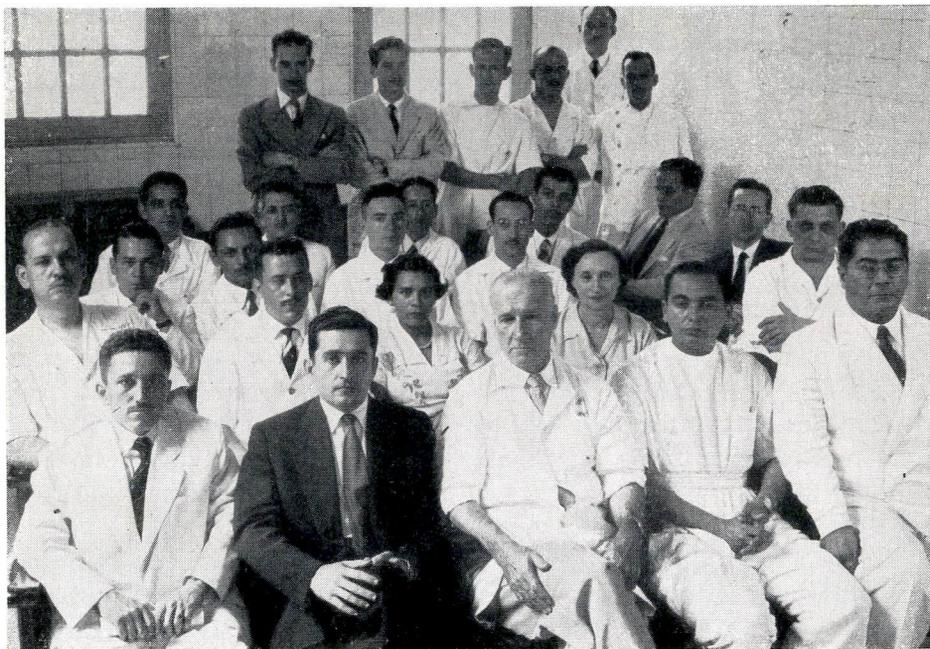
Apontarei agora os reveses vencidos para construção do novo hospital. Os planos então se voltaram para a aquisição de um esboço de hospital da Prefeitura, paralisado nos alicerces e abandonado, à Praça da Cruz Vermelha. Obtive-o, por doação do Prefeito Filadelfo de Azevedo, irmão de Sérgio de Azevedo, chefe da Seção de Pesquisas do Serviço Nacional de Câncer.

Quase um ano se passou, até que a posse se realizasse. Desta vez, num interdito proibitório das firmas construtoras, estavam as pedras do caminho.

Nova faina, agora com o estudo e orientação das plantas. Levei-a a efeito, consultando um a um, em reuniões coletivas, todos os colegas incumbidos das várias seções de que se com-

poria o nosso Instituto-Hospital, sempre auxiliado pela coordenação de Felix Lamela, técnico em organização hospitalar, mandado pelas Nações Unidas. Contra nós, a burocracia da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde, encarregada do refôrço das fundações já corroidas pelo tempo e impróprias para os 12 andares projetados. A construção, no regime de concorrência pública, sempre sujeita ao código de contabilidade, êsse entrave que amortece qualquer ritmo acelerado das obras públicas. Defendendo as verbas necessárias, acompanhei sua construção durante nove anos, desde 1945.

Em janeiro de 1954, entreguei a direção do Serviço ao Prof. Antônio Prudente. Deixei-o, já um monumento hospitalar, prático-



Médicos que completaram o curso de especialização em cancerologia, em 1951.

camente pronto, faltando os elevadores, erguido até o último piso, com 12 andares e capacidade para 400 leitos. Com êle, um crédito de 100 milhões de cruzeiros, que acabava de ser votado no Congresso. Projeto de Jandui Carneiro, nosso companheiro na Fundação Laureano, entidade a que eu pertencia, como diretor-executivo.

Foi Napoleão Laureano, o médico-mártir, com sua campanha orientada por mim, que emocionou o ambiente brasileiro, propiciando ao Legislativo clima favorável à concessão do vultoso crédito para a luta contra o câncer, no País. Acompanhei de perto o andamento

do projeto no Congresso junto aos relatores, em uma e outra Câmara. A propósito, informo que em memória de Laureano será inaugurado, em João Pessoa, em Setembro próximo, um moderno hospital que teve a colaboração do técnico Félix Lamela, nos planos e plantas.

Foi custeada a sua construção, em grande parte, com os fundos arrecadados do povo, condoído então da sorte daquele médico, vítima do câncer que se viu desenganado e resolveu trabalhar pelos conterrâneos para instalar no Nordeste um centro de defesa contra o câncer.

Deixei, também, com a nova sede do Instituto, à Praça da Cruz

Vermelha, uma pujante equipe de técnicos, treinados na cancerologia e habilitados a conduzir instituições congêneres, num padrão elevado, em todo o território nacional.

Complementando a ação técnica do Serviço Nacional de Câncer, foi difundida larga companhia de propaganda e educação popular, escrita e falada. Graças a ela, facilitou-se a formação de uma mentalidade anticâncer, através da atuação dos elementos do S.N.C. e também das organizações estaduais a êle filiadas.

Tiveram papel importante, no setor da propaganda, as nossas exposições educativas. A primeira foi apresentada ao público em novembro de 1948, na loja do Edifício Darke, à Av. Treze de Maio, com fotografias, desenhos, peças anatômicas e reproduções em cêra, cartazes, etc. com recursos obtidos do Jockey Club Brasileiro, já que o S.N.C. não disponha de verba apropriada.

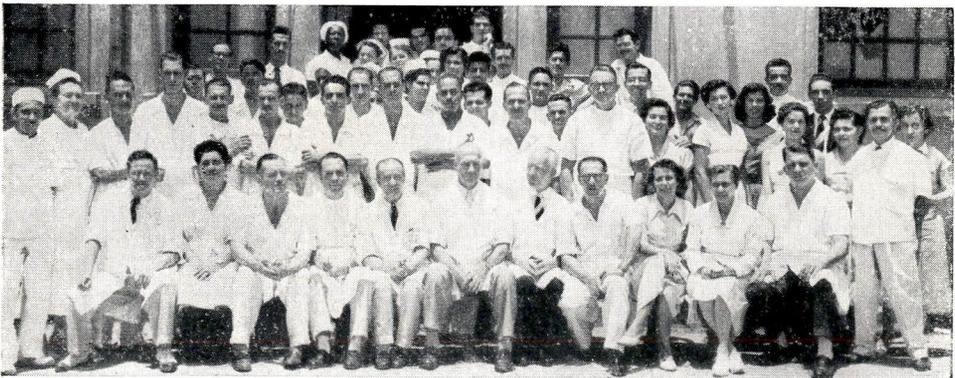
Ela serviu de roteiro e modelo para muitas outras que foram depois organizadas aqui e nos Estados.

O efeito causado no público era de impressionar, educando-o verdadeiramente. Basta ler as impressões dos visitantes registradas no livro de presença à exposição e transcritas neste folheto, algumas páginas adiante.

Também um filme de longa metragem sobre câncer foi elaborado, sob minha supervisão, de 1200 metros, com 32 mm, cujo resumo vai anexado, como pos-escrito a êste trabalho.

Entreguei também aos meus sucessores um órgão de publicidade médica, com edições regulares: a "Revista Brasileira de Cancerologia".

Fundada com a colaboração dos médicos do Serviço e principalmente de Alberto Coutinho, a Sociedade Brasileira de Cancerologia. Fui seu primeiro presidente. Nasceu rica, com doações angaria-



Membro do corpo clínico, técnico, da enfermagem e administração do S. N. C., em 1953, ao lado do diretor.

das por mim, sendo maior a de José Martinelli (com cem mil cruzeiros) e Ulpiano Gil, meus clientes e amigos.

Deixei, também, uma instituição de inestimável préstimo médico-social, fundada em 1939, em memorável assembléia popular, presidida pela Sra. Darcy Sarmanho Vargas. É a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, obra que mantém um asilo para alívio dos incuráveis. Começou internando quatro doentes, num velho casarão da Penha Circular, com o auxílio inicial de Antônio Gonzaga de Almeida Júnior. Depois, com as subvenções de Martinelli, desenvolveu-se.

Ao lado do Asilo, foi construído um hospital moderno, com capacidade para 100 leitos, graças à eficiente atuação de Alberto Coutinho, a quem foi entregue a sua direção, desde alguns anos.

No início, as despesas eram de 7 contos mensais, e, hoje, atingem a mais de 800 mil cruzeiros. A esse Hospital, os companheiros deram o meu nome, quando me aposentei, no serviço público.

Cumprе, enfim, registrar que a grande obra do Hospital do S.N.C. à Praça da Cruz Vermelha, iniciada no Governo Linhares e continuada nos períodos Dutra e Vargas, foi inaugurada, solenemente, no comêço da presidência Kubiteh.



Hospital-Instituto do Serviço Nacional de Câncer, à Praça Cruz Vermelha, iniciado no governo Linhares, construído nos períodos Dutra e Vargas e inaugurado no início da presidência Kubitschek, em agosto de 1957.

tscheck. No pórtico nobre de entrada foi colocada uma placa comemorativa:

“No Governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, sendo Maurício de Medeiros, Ministro da Saúde, Erlindo Salzano, diretor do Departamento Nacional

talar, instalando-se aqui o novo Instituto Nacional de Câncer. O Chefe da Nação procedeu à inauguração, no dia 23 de agosto de 1957”.

Nesse bronze, houve, apenas, a omissão dos nomes daqueles que



Fachada lateral, Hospital-Instituto de câncer.

de Saúde, Ugo Pinheiro Guimarães, diretor do Serviço Nacional do Câncer, Antônio Pinto Vieira, diretor do Instituto, foram levadas a cabo as obras deste bloco hospi-

trabalharam, longos anos a fio, para que se tornasse possível a realização dessa meta fundamental, na história do Serviço Nacional de Câncer.

IMPRESSÕES DOS VISITANTES

As impressões registradas no livro de presença à exposição realizada a custa do Jockey Club Brasileiro, já que o S.N.C. não dispunha de verba apropriada a êsse fim, são unânimes em enaltecer o valor educativo do seu mostruário.

Eis algumas delas:

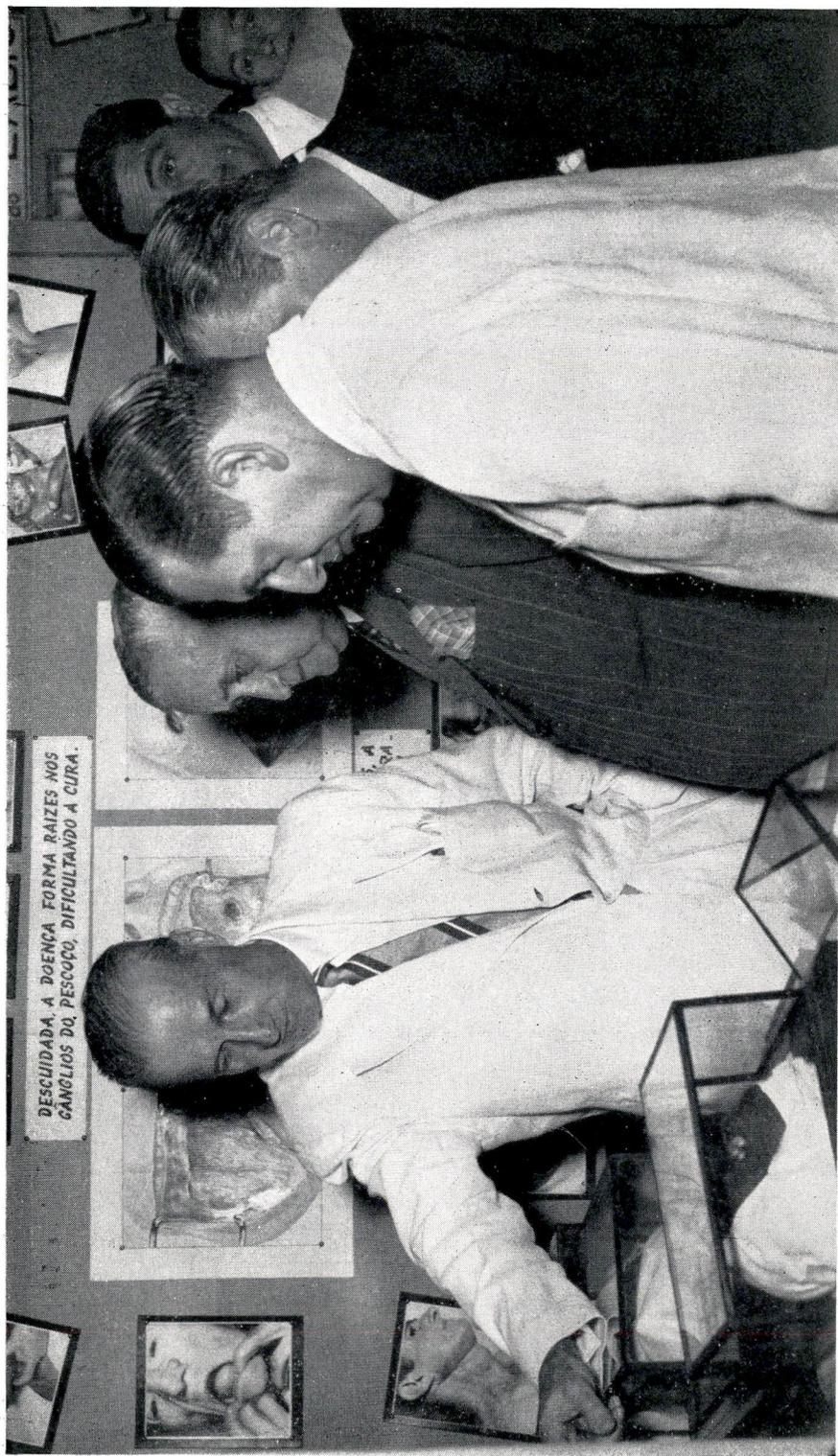
Na luta contra as moléstias que ainda assolam nosso país, representa uma contribuição inestimável o esclarecimento da opinião pública, não apenas pelas finalidades provenientes da colaboração dos próprios interessados diretos, mas ainda pela influência que, desta maneira, se exercita sobre os órgãos governamentais a que incumbe fornecer os recursos para o combate. A iniciativa do Serviço Nacional de Câncer, organizando uma exposição, na qual realçam os bons serviços que já vem prestando ao povo brasileiro, merece, assim, todos os aplausos e prestígio que lhe concede o Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 3-11-1948. *Clemente Mariani* — Ministro da Educação e Saúde.

Muito terão de lucrar nesta esplêndida exposição de luta contra o câncer os visitantes desta Capital, alertados, mas não amedrontados, contra os perigos desta terrível doença, pois esclarecidos ficarão sobre os modernos recursos de que dispõe a medicina de hoje, para combatê-los. Sairão confortados e

tranquilos pelo que viram nesta exposição de que já dispomos em nosso país de técnicos e de recursos capazes de curar o câncer, se se entregarem aos cuidados médicos, oportunamente. *Roberval Cordeiro de Faria*. — Sub. Int. do Diretor Geral do Departamento de Saúde.

Registro com especial agrado, minha magnífica impressão decorrente desta visita, desejando realçar, particularmente, a alta expressão educativa desta exposição, em benefício da saúde do nosso povo. Contando com o interêsse dos representantes das diferentes classes sociais, desde as mais modestas às mais altamente situadas e com o prestígio e amparo econômico dos governos, é justo esperar alcancemos em breve, grandes vitórias na luta sem tréguas contra o flagelo universal e multiseccular do câncer. Parabens muito sinceros aos eminentes colegas *Mário Kroeff* e seus demais companheiros de luta. *Heitor P. Fróes*. — Diretor Geral do Departamento Geral de Saúde.

Eis uma exposição que deve ser vista por todos. Ela convida à luta contra o câncer. E mostra, não só a grandeza dos esforços já empregados, mas o sentido humano e o idealismo que inspiraram os seus realizadores. Felicito-os. Desejaria que os brasileiros de toda a parte a visitassem e, sobretudo, a compreendessem. *João Inojosa*.



O Presidente Dutra visita a exposição educativa, primeira realizada no Rio de Janeiro, em Novembro de 1948, a custa do Joquei Clube Brasileiro já que o S.N.C. não dispunha de verba apropriada a esse fim. Observou os vários painéis, onde o câncer foi mostrado em todos seus aspectos e localizações.

Somente quem exerce a medicina em nosso meio é que pode avaliar o quanto de esforço e de sacrifício representa a presente exposição educativa de combate ao câncer. Iniciativa patriótica devida à tenacidade de trabalho de Mário Kroeff e seus colaboradores, até hoje desamparados dos poderes públicos, em problema de tão elevada significação médico-social. *A. Campos da Paz Filho*. — Secretário Geral da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Foi com a mais viva satisfação que em companhia dos meus, visitei a exposição do câncer, realização devida aos esforços de um núcleo de brasileiros que tem à sua frente a figura inconfundível do Dr. Mário Kroeff. Esta exposição é obra educativa e, como poucas, de defesa do patrimônio humano de nossa Pátria. Obra de verdadeiros brasileiros, de grandes patriotas, de criaturas que, realmente, fazem jús à gratidão de nossa gente. Oxalá, o Governo do Brasil cuide, enfim, de pôr à disposição do Dr. Mário Kroeff recursos materiais e, sobretudo, econômicos de que o Brasil necessita para combater eficientemente o câncer, mal que se agrava, agora, dia a dia. *José Sena Waldeck*. — Juiz de Direito.

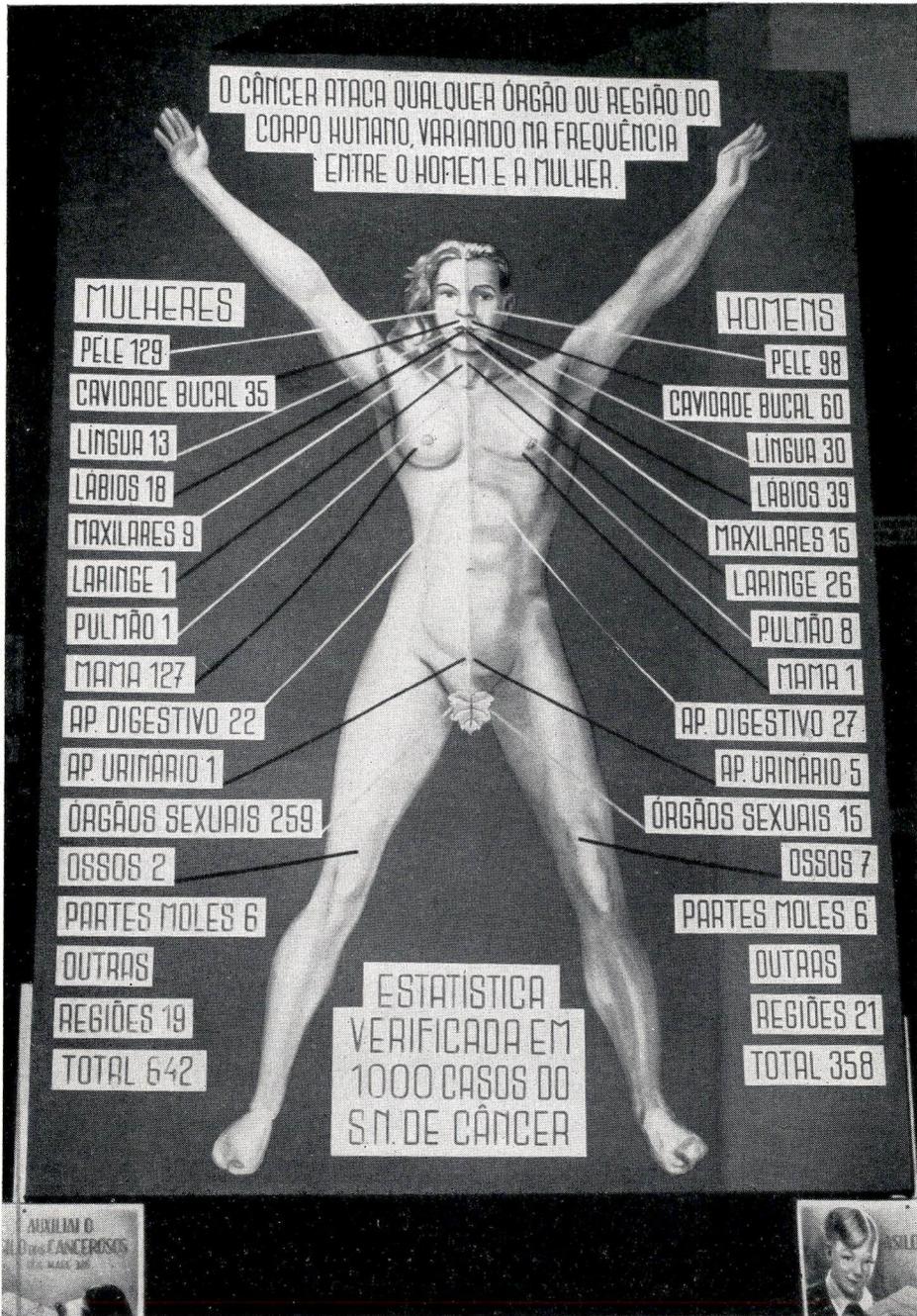
Esta deve ser, verdadeiramente, uma guerra bem dita, guerra pelo homem, guerra pela saúde, guerra contra o sofrimento. Que todos tomem parte nela. Nessa luta contra

o câncer é que se devem empenhar os governos, as nações, os povos. Obra de patriotismo, de humanitarismo, de solidariedade social, esta campanha merece todo aplauso, todo o nosso apóio. Parabens aos seus obreiros. *Prof. Alvaro Dória*.

Numa época em que há excesso de informações, umas boas e outras más, torna-se necessário insistir naquelas que são absolutamente fundamentais à espécie humana. Por esta razão, esta magnífica exposição de câncer merece o maior apoio de todos aqueles que lutam pelo bem estar humano, pois não há quem não o saiba, ser esta manifestação mórbida, uma das mais sérias no momento. *Victor Starvianski*. — Chefe da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional.

Não é a primeira vez, nem será, de certo, a última que visitarei esta exposição. Ela representa um curso prático com que Mário Kroeff e seus associados do Serviço Nacional de Câncer procuram instruir o nosso povo, numa demonstração que entra pelos olhos. Que todos fixem bem a magnífica lição. Poderes públicos, médicos, educadores, divulgadores, a sociedade, em geral, que se articulem em torno dos técnicos, no combate a tão impiedoso inimigo da humanidade. *Renato Machado*. — Professor Médico.

Tôdas as felicitações, todos os louvores ao insigne Mário Kroeff,



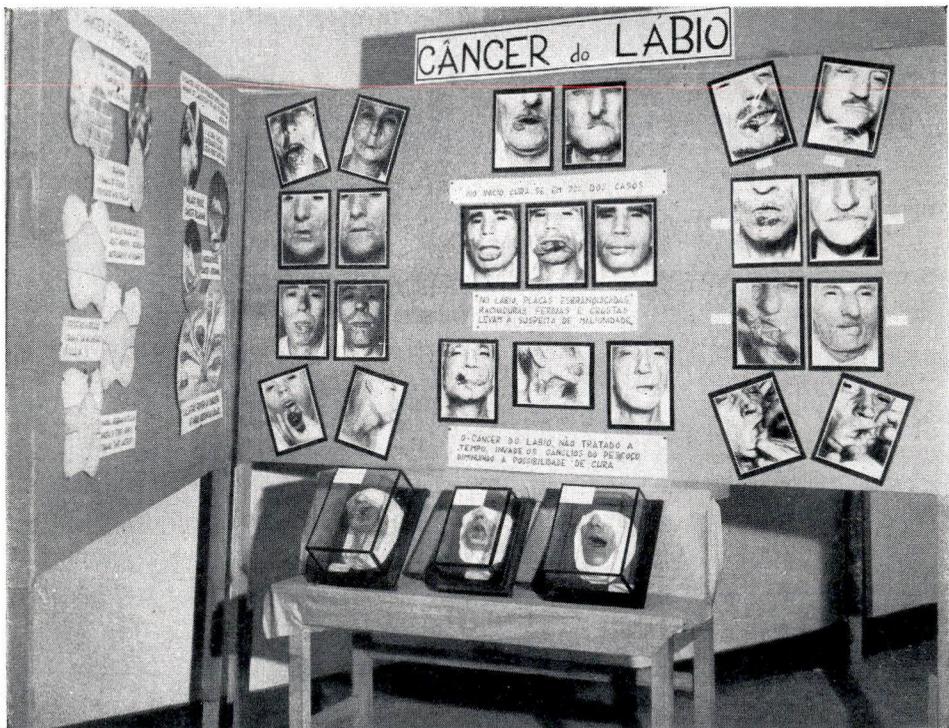
Quadro mostrando a proporção em que se distribue, entre nós, o câncer nas várias regiões do corpo humano, variável conforme o sexo.

benemérito e humanitário, verdadeiro espírito apostólico, forrado de homem de ciência. A presente exposição honra a nossa Pátria e o nosso povo. *Jorge de Lima* — Presidente do Conselho Municipal.

O eminente colega e apaixonado em bem servir a humanidade, não podia fazer campanha mais inteligente e mais eficiente. *Raul David de Sanson*. — Presidente da Academia Nacional de Medicina.

Nada vi de mais perfeito em matéria de propaganda, quer no terre-

no puramente técnico, apresentando desenhos, fotografias e dados estatísticos de uma expressividade, realmente admirável, digna de ser vista, quer no terreno científico ou cultural. Mas, acima de tudo quanto representa esta grandiosidade material, técnica e científica, expressas de maneira tão feliz, está a demonstração do valor moral e cultural dos organizadores e dos que se entregam, desinteressadamente, aos cancerosos neste Serviço Nacional de Câncer. Penaliza-me ver que esta vida dos "Campeões da luta contra o câncer", seja ainda tão



O painel referente ao câncer do lábio, vendo-se lesões antes e depois do tratamento curativo. Em baixo, modelos em cera reproduzindo o aspecto das lesões ao lado alguns cartazes sugestivos.

oculta e mal compreendido o seu trabalho. Como as grandes obras necessitam de um período de obscuridade, também esta, afim de que cheguem breve os seus dias gloriosos. Esta "Exposição" marcará época nos destinos da Medicina no Brasil. Como Religiosa Educadora faço votos para que estes beneméritos da humanidade sejam seguidos por muitos neste labor insano e dignificante e sejam também ouvidos os seus conselhos, não apenas no Distrito Federal, mas em todos os recantos de um País, tão necessitado de cultura quanto o nosso, bem como em todos os Países civilizados, afim de que eles saibam que no Brasil, onde há personalidades nobres quanto estas, especialmente, como a do prezado amigo Dr. Mário Kroeff, também se avança a passos largos em todos os setores de atividade humana. *Irmã Maria V. do Rosário, O. P.* — *Irmã Julieta Maria, O. P.* — *Irmã Maria Solange, O. P.* — *Irmã Maria Colomba, O. P.*

Esta exposição é uma escola viva, onde o leigo, a pessoa do povo, bem pode aquilatar da obra gigantesca dos nossos médicos especializados, em tão humano mistér. É preciso que o povo saiba, os Governos sintam e todos colaborem, pelo exemplo, pelo esforço, por todos os meios a seu alcance, para que se resolva de vêz no Brasil, senão no mundo, êste terrível problema que tanto aflige a Humanidade. Meus sinceros parabens ao Dr. Mário Kroeff, diretor dêste Serviço, pelo

muito que fez até agora. *R. da Silva Ramos.* — Ten, Cel. Chefe do Estabelecimento Central de Transportes do Exército.

Nos últimos tempos, constitue, a meu ver uma das mais beneméritas campanhas que se vêm fazendo e que tanto eleva os homens de bem e de valor que a dirigem. *Domingos G. da Silva Cunha.* — Engenheiro e professor.

Grande trabalho de um grande chefe e de auxiliares abnegados. *Alvaro Osório de Almenda.* — Médico, Professor.

A Exposição do Câncer é, a meu ver, o elemento fundamental na propaganda contra êsse terrível mal. Visitando, hoje, esta amostra da atividade incansável na luta contra o câncer, orientada pelo Prof. Kroeff com o precioso auxílio dos Drs. Sérgio de Barros Azevedo, Alberto Coutinho e de todos os outros médicos do Serviço Nacional de Câncer, sinto-me, realmente, jubiloso diante do sucesso alcançado, pela nobre iniciativa. O povo está ávido por se instruir, de fôrma a poder defender-se melhor desta doença, tão traiçoeira. Esta "Exposição", conseguiu mostrar de maneira simples e convincente os estragos causados pelo câncer, a importância de reconhecê-lo, precocemente e a possibilidade de obter curas completas. Espero que, dentro em breve, em todo o Brasil, nos municípios mais humildes, os ensi-

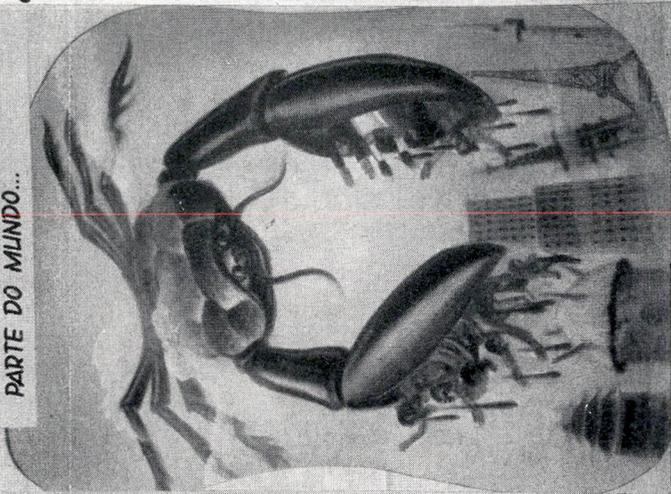
CANCEROFOBIA !

A PROPAGANDA
É ACUSADA DE
CAUSAR
PÂNICO !

SÓ OS IGNORANTES
E OS NERVOSOS TÊM
MEDO DE TUDO NA
VIDA !

O CONSELHO, A PRUDÊNCIA,
A SABEDORIA PODERÃO
SALVAR
MILHARES DE
VIDAS !

O CÂNCER ATACA TANTO O RICO,
COMO O POBRE. NÃO POLUPANDO
RACA, SEXO, IDADE EM QUALQUER
PARTE DO MUNDO...

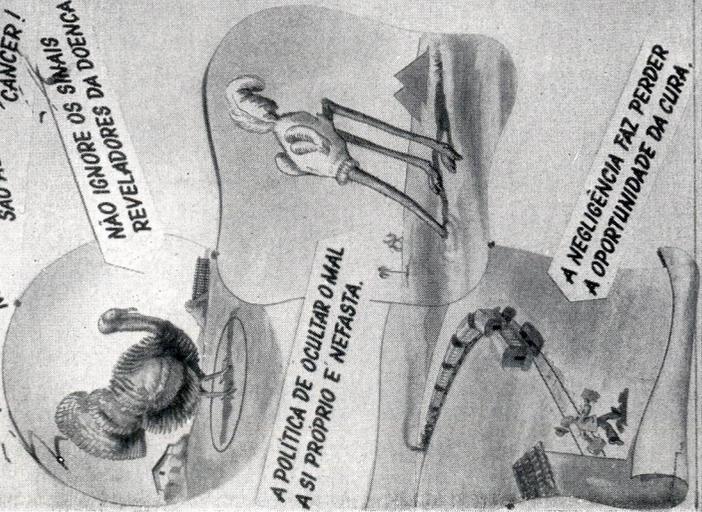


IGNORÂNCIA
MEDO & NEGLIGENCIA
SÃO ALIADOS DO
CÂNCER !

NÃO IGNORE OS SINAIS
REVELADORES DA DOENÇA

A POLÍTICA DE OCULTAR O MAL
A SI PRÓPRIO É NEFASTA.

A NEGLIGENCIA FAZ PERDER
A OPORTUNIDADE DA CURA.



Cartazes que confeccionamos com a colaboração do desenhista J. Rabong, mostram os perigos do câncer e procuram incutir no povo conselhos adequados.

namentos elementares sôbre o câncer, sejam administrados da mesma forma que está agora sendo feito nesta Capital. Cada um de nós deve formar na primeira linha de defesa, na guerra contra o câncer, procurando os esclarecimentos necessários que permitam o reconhecimento precoce do maior flagelo da humanidade contemporânea. *Antonio Prudente*. — Diretor da Associação Paulista de Combate ao Câncer.

Considero esta exposição magnífica obra, pelas finalidades educativas que apresenta, mostrando lealmente todos os horrores de uma doença terrível que bem poderia ser atenuada em sua propagação, se o povo conhecesse os meios certos de evitá-la e o tratamento correto a ser empregado no início. Que outras exposições sejam realizadas com os mesmos objetivos e o Serviço Nacional de Câncer terá prestado a mais valiosa cooperação em favor dos brasileiros, vítimas ou predispostos a essa moléstia, assim tão terrível! Parabens aos seus organizadores. *A. Raul Rezende*. — Médico Puericultor.

Esta exposição, tão boa em sua organização quanto as melhores que tive o ensejo de visitar nos Estados Unidos e na Argentina, oferece ao povo brasileiro a arma mais efetiva na luta contra o câncer, que é a educação do povo no sentido de reconhecer tão cedo quanto possível, o terrível inimigo e dar-lhe o combate preciso e cien-

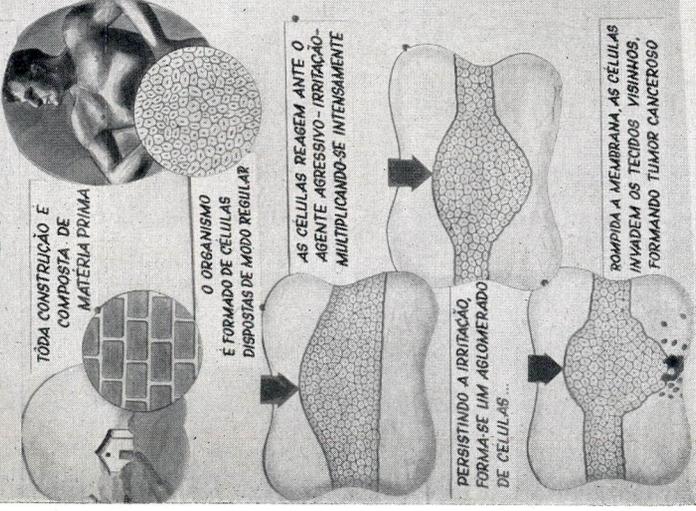
tífico, pelos especialistas no assunto. O Prof. Mário Kroeff, levando avante tão útil campanha, torna-se credor da gratidão da nação inteira. Que sua iniciativa se propague por todo o Brasil. *Walter G. Santos*.

Ocasionalmente encontré esta interessante exposición del cancer. He recorrido con atención los diferentes aspectos, encontrando en todos los casos, además de una perfección artística en cuanto a la elaboración, la más perfecta exhibición científica y de divulgación que nunca habia observado en mi viaje por países de America del Sul. Es una verdadera cathedra de cancerologia al alcance de todos! — *Dr. Carlos Saischel Lual*.

El "Cancer", cuyo peligro aún ignorado en las grandes masas de los pueblos, requiere grandes sacrificios y esfuerzos para ser divulgado. Esta exposición, pequeña, pero de grande esfuerzo y significado, demuestra el adelanto y la voluntad de un grupo de estudiosos sacrificados que, altivos, serenos y optimistas, en una mañana no lejano verán suas aspiraciones realizadas y su trabajo comprendido por la humanidad. *Hugolina Castro Vargas*. Bioquímica y Farmaceutica, Jefe del Laboratorio Biologico Central. (La Paz — Bolivia).

Num país, como o nosso, em que a solução dos problemas sociais depende da educação do povo, exposições como estas engrandecem

O CÂNCER E DOENÇA CELULAR



O CÂNCER É CONHECIDO DESDE REMOTA ANTIGUIDADE...

OS PAPIRUS DO EGITO FAZEM REFERÊNCIAS...

OS SACRÓFAGOS TRAZEM INSCRIÇÕES A RESPEITO...

MÚMIAS APRESENTAM LESÕES OSSEAS TÍPICAS DO CÂNCER...

OS ANTIGOS DERAM À DOENÇA O NOME DE CÂNCER PELA SEMELHANÇA COM O CARANGUEJO.

O CÂNCER É DOENÇA UNIVERSAL, POIS ACOMETE TODOS OS SÉRES VIVOS

Tipos de cartazes figurando aspectos do problema do câncer para efeito educativo.

os seus promotores, exaltando-lhes as qualidades de patriotismo e, sobretudo, de fraternidade humana. Devíamos ter por todo parte, por todos os quadrantes de nossa Pátria, muitas e muitas demonstrações, como estas, onde a massa popular aprendesse a defender a própria saúde. *Martins e Silva* — Juiz de Menores.

Se todos os brasileiros fizessem o que o conhecido facultativo Dr. Mário Kroeff vem fazendo em benefício dos que são atingidos por este terrível mal, o problema hospitalar no Brasil teria conquistado um lugar de grande destaque. Unir-mo-nos aos ideais de Mário Kroeff é cooperar pela salvação de milhares de brasileiros. *Samuel Rodrigues*. — Jornalista.

O câncer, atualmente, é o inimigo maior da humanidade; combatê-lo é obra humanitária e patriótica. Para combatê-lo, é necessário torná-lo popularmente, conhecido. Não me parece possível objetivar de maneira mais clara, do que pela forma por que vem de fazer Mário Kroeff na presente exposição, a divulgação visual, das localizações e perigo da doença. Kroeff lavrou um grande tento. Tornou-se ainda, mais merecedor da gratidão de todos os brasileiros que têm interesse pela saúde do povo. *Fábio Carneiro de Mendonça*. — Médico.

O ingresso do problema do câncer nos quadros dos serviços de saú-

ce pública representa um notável avanço na obra de perseverança e de prolongamento de vida. A ação educativa é neste setor da máxima importância; a forma verdadeiramente impressionante com que está apresentada nesta exposição, merece o apêlo e o elogio do povo brasileiro. Aqui deixo os meus mais calorosos aplausos aos seus organizadores. *Dr. Mário Palhares*. — Médico.

A exposição que acabamos de percorrer, é, antes e acima de tudo, uma obra ou trabalho eminentemente educativo e popular. Ensina, esclarece e orienta, mesmo aos leigos, como eu. E também mostra o quanto já tem feito entre nós, o Serviço Nacional de Câncer. Serve igualmente para demonstrar que é necessário ainda muito esforço e muita dedicação, não só do Poder Público, como da iniciativa particular para combater o terrível mal. *Newton Ferreira Pires*. — Residente em Belo Horizonte.

É com real admiração que deixo esta "Exposição" pois nela tudo se resume no que há de humanitário para os leigos no assunto. Esta é a chama da salvação e, para os que conhecem, uma prova de que ainda existe bondade no coração humano. *José Sanciger*.

Mário Kroeff não precisa de elogios, nem de estímulos. Quem possui essa força interior realiza milagres, como essa obra admirável

de educação sanitária, que adestra o povo na luta contra o câncer. *Oswaldo F. Barbosa.* — Médico.

Ao príncipe do bisturí elétrico — Professor Mário Kroeff — muito ficará a dever o Brasil futuro, pelo êxito da magnífica exposição, emi-

tores da sociedade sofredora os ilustres cientistas e especialistas que se dedicam a curar e prevenir. De há anos, o nome de Mário Kroeff e distintos colegas que se impõe à gratidão nacional. Que Deus continue a abençoá-los. *Frei Pedro Sinzig.* — O. F. M.



Irmãs Dominicanas percorrem a exposição enaltecendo seu valor educativo e registrando suas impressões no livro de presença.

nentemente educadora e educativa. *Dr. José E. Barreto.* — Médico Sanitarista.

Benefício em larga escala, esta admirável exposição. Que bemfei-

Ao deixar a Exposição de Câncer, do Serviço Nacional de Câncer, quero deixar registrado que foi a mais engenhosa e inteligente de quantas já presenciei. Realizada, indiscutivelmente, com a maior cla-

reza, está sendo de inestimável valor para pessoas de todos os níveis culturais. Eu próprio, embora médico, não necessito dizer que aprendi muito ao concluir a visita. Acho que esta exposição poderia ser permanente, tão grande é sua utilidade. *Arnóbio Calheiros Bomfim.*

Visitando a exposição de câncer, na qualidade de médico-cirurgião, não me surpreendi, mas confesso que a sua organização, foi além de minha expectativa e que não é difícil a qualquer pessoa prever os seus resultados. *Dr. Hilário Costa.*

Salve Mário Kroeff!

Que a modéstia e fragilidade de minha expressão, apenas autorizada pelos muitos anos em que já venho acompanhando, embora de longe, seu gigantesco esforço, possam entrar como pedrinha a mais no tremendo apóio e estímulo de que de todos é necessário e merecedor, como campeão na campanha contra isso que por excelência se constitui, de todos os males físicos que assolam a humanidade, o mais caracteristicamente maligno — o câncer. E posam no mundo inteiro, todos os Mário Kroeff, de todos os povos, convergir, proficuamente, no sentido da solução global e decisiva que é de esperar, venham a atingir, sem tardança, neste terrífico setor do problema médico da humanidade. Salve! *Benjamim S. Barradas.* — Engenheiro.

A exposição sobre cancerologia do Dr. Mário Kroeff, focalizando, inteligentemente, sob seus múltiplos aspectos o grave problema nacional da doença, ensina desde o homem da rua até o médico militante. A obra médico-social dêsse benemérito cientista, eu o digo, como professor de higiene, merece os aplausos do Brasil. *Marcelo Silva Júnior.* — Prof. de Higiene na Faculdade de Farmácia.

A divulgação científica é obra para gigantes. Levar ao povo as noções que gravitam em torno dos ambientes doutos, é tarefa das mais difíceis. Nesta exposição, a par da síntese perfeita, conseguiu-se vulgarizar, sem deturpar; vulgarizar sem escandalizar. Parabens ao Serviço Nacional de Câncer, em tão boa hora, colocado sob a direção de Mário Kroeff. — *Prof. Heitor G. Reis.*

Percorrendo esta exposição, há como que uma chave que abre, imediatamente, qualquer coração no anseio de cooperar, ajudar, apiedar-se dos portadores de tão terrível mal. Bem dita a mão do médico ilustre que idealizou esta mostra, tocando as sensibilidades, além do cuidado preventivo que todos terão. Isso já é um caminho de cooperação. Faço votos para que o esforço do ilustre diretor encontre, em todos os ângulos da necessidade científica ou material, todo êxito possível. *Adalgiza Bittencourt.*

A exposição a que acabo de assistir, aponta à gratidão pública o nome do cientista brasileiro Mário Kroeff e pena é que os poderes públicos não dêem o devido aprêço à tão magnífica iniciativa. *Lourival Coutinho*.

A primeira condição é que impressione. E impressiona pelo realismo das fotografias, pelas magníficas ceroplastias que nos fazem vêr, ao vivo, as deformidades que atormentam os cancerosos. Em boa hora, o Serviço Nacional de Câncer realizou esta exposição, que alertará, certamente, o nosso desnorteado público contra essa insidiosa moléstia. Exposições, nos moldes desta, devem ser promovidas para que o povo saiba da frequência e perigo dos males que afligem a humanidade. A imagem é muito forte. Tenho certeza que no espírito popular terá causado funda e benéfica impressão. Eu já disse através de meu comentário na Emissora Continental e ressaltai essa obra meritória, na luta contra o câncer, liderada por Mário Kroeff, a quem todos tributamos tanta admiração. *Wilson Jardim Neves*.

Esta exposição impressionou-me duplamente: pela clareza e perfeição com que foi feita e pelo sucesso que está tendo. Nunca supuz que o público viesse tão espontaneamente instruir-se sobre os perigos do câncer, doença que figura num dos primeiros lugares, entre os que fazem mais vítimas no Brasil.

A exposição atual demonstra, ainda, com que abnegação e com que espírito de sacrifício trabalham Mário Kroeff e seus auxiliares do Serviço Nacional de Câncer, desajudados dos poderes públicos e quase boicotados pelo Congresso que não vota verbas suficientes para obra tão útil. *Gondim da Fonseca*. — Jornalista.

É êsse, incontestavelmente, o meio inteligente e hábil de estimular a cooperação popular numa luta, em que é fundamental a educação das próprias vítimas atingidas pelo mal. A sobriedade e discrição com que foi organizada esta exposição, recomendam o critério científico, adotado na direção do Serviço Nacional de Câncer. E os visitantes se encontram, por um lado, fartos ensinamentos, abundantes motivos de alertamento contra os indícios da doença, recebem, por outro lado, a confortadora certeza da proteção eficientes com que poderá contar. *Erasto Gaertner*. — Deputado Federal.

Um Mário Kroeff é pouco neste Brasil com 60.000 cancerosos. Uma exposição contra o câncer também é pouco neste país, onde o problema do câncer é visto com medo e vergonha. Compensa, entretanto, a certeza de que, em breve, povo e govêrno compreenderão a campanha humanitária de combate ao câncer, prestigiando a obra de Mário Kroeff e de seus companheiros de jornada. *Edmar Morél*. — Jornalista.

A verdade nem sempre é agradável aos nossos sentidos, mas é a maneira mais prática de conhecermos o mal que nos rodêia. Na magnitude dessa exposição, não podemos limitar seu valor, porque excede à nossa perspectiva. Poderemos esperar os frutos que serão colhidos para a saúde e felicidade de muitos patricios. *Carlos Hermann.*
— Odontológico.

Ouvia falar num certo doutor Mário Kroeff diretor do que eu pensava ser uma repartição burocrática destinada a combater o câncer, como há tantas outras no Brasil, que, apenas se “destinam” ao combate disso e daquilo. Visitei, entretanto, o Asilo dos Cancerosos Inválidos, da Penha, e, de lá saí certo de que êsse homem não é apenas um cientista, mas um apóstolo. *Heráclio de Sales.*

FILME SÔBRE O CÂNCER

A primeira parte reproduz o trabalho hospitalar, numa clínica de câncer, focalizando o diagnóstico, o tratamento pela cirurgia e pelo radium, a roentgenterapia, aspectos da pesquisa no trabalho de laboratório em animais, cine-microscopia e roentgen-cinematografia.

A outra parte procura concatenar a história do câncer que é a própria história da medicina e do pensamento humano.

Partiu a filmagem do estudo do câncer nas múmias do Egito e dos Incas, com lesões ósseas típicas, das inscrições nos sarcófagos, referentes às doenças, algumas cancerosas, e dos papiros de milênios, que descreviam êste mal. Daí o filme representa a atribuição dos Deuses na cura das doenças, até chegar à Era de Hipócrates, o primeiro a fugir da influência divina, para examinar os doentes e observar a natureza. Até aí a medicina era exercida através

benzeduras pelos monges nos conventos, detentores da cultura na época.

O filme reproduz cenas da medicina grega, transferida aos romanos e depois a Bagdad, Meca e Alexandria, com Rhazes, o primeiro a empregar a sutura em cirurgia.

Do Islamismo, passa o facho da civilização à Espanha, apegada ao Alccrão, para chegar a Montpellier, grande centro de cultura, onde se fizeram, em segredo, os primeiros estudos de anatomia, aproveitando-se os cadáveres dos condenados. Volta à Roma, com Vesálio, célebre anatomista.

Só mais tarde, a cultura médica sobe ao norte da Europa, estabelecendo-se em Paris uma luta entre os médicos clínicos e os barbeiros que eram os cirurgiões da época.

Ainda se usava óleo fervente sôbre as feridas, para estancar as hemorragias operatórias.

Sustentava-se que as feridas que não se curavam com ferro incandescente eram incuráveis (câncer). Tudo foi figurado no filme.

Leuvenhoek inventa o microscópio. Em cine-microscopia, filmamos o movimento dos espermatozóides, maior preocupação do descobridor dos vidros de aumento, ao estudar os segredos da vida e do minúsculos animais.

Harvey descobre a circulação. Surge a anestesia com Morton.

Aparece Pasteur, com os organismos infinitamente pequenos, negando a geração espontânea e sustentando a tese de que todo ser provém de outro sêr vivo.

Estuda a desinfecção contra os micróbios, para chegar à esterilização cirúrgica, com Lister.

Enfim, dois grandes passos se completam na evolução da medicina com Röntgen, descobrindo os raios X, e Madame Curie, o radium.

A filmagem, cêrca de mil metros, foi feita à minha custa.

Uma cópia, falada em inglês, exibida no Museu de Arte Moderna, em New York, com a assistência de alguns cancerologistas do Memorial Hospital.

Representa, na verdade, a propaganda viva e impressionante sôbre o problema do câncer e a história da medicina, em geral. Deixei-o no arquivo do Serviço Nacional de Câncer.